

# A necessária inquietude de quem transmite

Janete Frochtengarten

Este artigo, escrito no início de 1994, reflete sobre as diferentes modalidades de currículo adotadas por nosso curso. É importante saber de onde viemos e onde estamos...

## Um preâmbulo fundamental

**A**os alunos e professores do Curso de Psicanálise, que tem sido os companheiros nesta busca incessante, nesta procura de vias pelas quais a formação pode, de fato, transitar.

A Anna Maria Amaral, Ana Maria Sigal, Luiz C. Menezes e Silvia Alonso, com quem, entre cafés e cigarros, tensões e alegrias, tanto aprendi quando, em 1992, juntos trabalhamos na reforma curricular.

A Anna Maria Amaral que, na particularidade de um momento em que este trabalho queria acontecer e não sabia por onde, se entusiasmou (e me entusiasmou) com minhas idéias tateantes.

A Regina Schnaiderman, início de tudo.

## Uma introdução

Recentemente, conversando com alguns colegas sobre o convite que "Percurso" nos dirigia para escrevermos algo sobre formação, dei-me conta do quanto me atraía a idéia de examinar mais de perto as mudanças curriculares que, enquanto Curso de Psicanálise, temos

tido ao longo de completos 18 anos de existência. A este interesse veio logo se juntar um outro: o de examinar as disposições regimentais do Curso, observando-as em suas conexões ou descompassos com as alterações no ensino.

Senti-me movida por uma curiosidade - o que, para além do manifesto, vai mudando? Há um fio condutor que percorre as mudanças?

E assim munida - de uma pergunta e vários documentos - fui olhando os registros destes tantos anos, deixando que eles "falassem".

Eis que um pensamento surgiu e ganhou corpo - a formação daqueles que transmitem. Percebi, quem sabe, o óbvio: são sobretudo os formadores<sup>1</sup> que falam pelos textos que redigem em sucessivas épocas. E falam de *seu* processo. Estes formadores vão me contando que não eram formadores por alguma peculiar "imanência"; que foram *se tornando* formadores na medida em que se implicaram na formação.

É o acompanhamento de alguns passos deste processo que pretendo explicitar neste trabalho, ciente de

Janete Frochtengarten é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.



que deixo à margem outros aspectos também presentes nos registros escritos, bem como fatores outros que necessariamente participam do complexo caminho de uma formação - as próprias mudanças no pensar psicanalítico como um todo, as determinações vindas do campo psicanalítico local, dos outros campos da cultura e dos diferentes momentos sócio-político-econômicos. Deixo ainda à margem um fator essencial: a presença, no teor e no andamento das mudanças, da participação dos alunos, quer nas interações do cotidiano do ensino, quer em suas inquietações, quer em suas reivindicações.

**Algumas apresentações**

O que me animou, pois, para a feitura deste escrito, foi a possibilidade de refletir sobre uma prática, sobre uma vivência de dentro de um processo de formação, sobre, enfim, a minha própria experiência. Uma experiência que se dá, inicialmente como aluna, durante seis anos (sendo quatro deles de formação "oficial" e dois de um curso optativo que era então oferecido) e que, desde 1983, vem se dando enquanto professora. Sem que eu saiba localizar onde e como cada um destes lugares se manifesta, sei, no entanto, que ambos estão no que aqui desenvolvo. Na história que transcorre, minha apreensão das situações vividas, minha escuta dos documentos, tem a marca desta dupla inserção.

O convívio curioso com os documentos permitiu-me uma visão em perspectiva, um afastamento interessante em relação ao "demasiado dentro" e me trouxe também um ganho inesperado: o de constatar que - apesar de todas as dificuldades e de todas as descrenças que possa haver quanto a esta possibilidade - tem havido um coletivo. Um coletivo que, como percebi (e percebo) nada tem de fácil, nada tem de instalação garantida mas que,

mesmo assim, transpira da sequência registrada. E o faz como uma disponibilidade para a perlaboração. Para uma elaboração através de cada um no todo e através do todo em cada um. Um doce contentamento, que tornou imprescindível que as dedicatórias e agradecimentos estivessem localizados onde estão.

Os documentos dos quais me utilizo não serão reproduzidos, na medida que minha proposta não é historiográfica<sup>2</sup>. Mencionarei itens e fragmentos que me disseram: "aí tem coisa...". Mencionarei as me-

**A** pesar de todas as dificuldades e descrenças, tem havido um coletivo.

mórias vivas, produtoras. Neste momento, produtoras deste texto. Memórias do presente, memórias ativas no presente.

Embora eu não creia que haja, em qualquer história que se desenrola, períodos absolutamente homogêneos e, tampouco, que haja períodos bem delimitados, estarei dividindo o tempo enquanto cronologia. O critério que fundamenta esta escansão é o das datas das mudanças curriculares. Temos então três épocas: entre 1976 e 1986; entre 1986 e 1992; entre 1993 e ...

Bem, apresentei-me, assim como ao meu método de procedimento. E quanto aos formadores? O que, quem são os formadores? E é justamente nesta apresentação que os embates também já se apresentam. Os forma-

dores aos quais me refiro são psicanalistas que se propuseram como responsáveis pela proposta e condução de um projeto específico de ensino / transmissão; são psicanalistas que objetivam formar ... psicanalistas. A tensão presente na barra ensino / transmissão, bem como o reticente das reticências, não têm nada de casual. Estes sinais gráficos presentificam, em suas aberturas para a ambigüidade, as duplicidades com as quais me defrontei / defronto ... Barras e reticências aparecerão ao longo deste texto outras vezes. Não só por uma questão de estilo, embora também o seja. São a expressão dos conflitos de uma trajetória, de seus pontos nevrálgicos.

**As épocas, seus conteúdos, seus impasses**

1- Entre 1976 e 1986

Denominei este período, para meu uso, de "pré-psicanalítico / psicanalítico", sendo que a presença dos dois termos, um antagonizando o outro, indica algo que *é e não é* simultaneamente.

O Curso constava, em seu ano inicial, de três anos. Encontro documentos com uma programação condizente com este prazo. No entanto, desde que o conheço (desde 1977) ele vem acontecendo na extensão de quatro anos.

O que neste ponto me interessa não é tanto o fato em si, mas o indício - quão pouco são três anos! Atualmente dizemos: quão pouco são quatro anos! E nos atos falhos que ocorrem nas discussões do grupo de professores, não é raro ouvir, vindo, ora de um, ora de outro: "então, no quinto ano ...". É pouco. Mas, pouco para que? Para passar tamanha vastidão de informação? Pouco para formar psicanalistas?

Nesta primeira época não tínhamos ainda, em atividade, o Departamento de Psicanálise (sua instalação data de 1985), lugar que em



6

muito transcende o Curso, lugar para a formação que jamais termina, lugar para o sempre do entre-pares. Mas, mesmo hoje, quando o Departamento aí está, o ato falho ocorre. Neste aspecto ainda não nos encontramos. O que fica no âmbito do Curso? O que, no do Departamento?

Em alguns documentos desta 1ª época encontro, a designar o Curso, o nome de "Psicoterapia de Orientação Psicanalítica"; é a partir de 1980 que os documentos trazem o nome "Curso de Psicanálise". Em um deles leio:

"...esta mudança de nome é considerada muito significativa por todos os integrantes do Curso, na medida em que apontava para o pleno reconhecimento de nosso projeto como um projeto de *formação* de analistas..." (grifo do texto).

A intenção aí estava. Mas a intenção muitas vezes vai à frente, passos adiante, do que efetivamente ocorre. Não, não tão simples assim, na verdade. A própria intenção, quando colocada, já é sinal de um desejo e instigadora de sua efetivação.

A meu ver, a nossa formação enquanto formadores vai se dando em duas cenas. Da cena da intenção manifesta à cena da elaboração, à cena da intenção ... à aproximação das cenas. A intenção antecipa-se e é consequência. Intenção / realização constituem um movimento de dupla direção. E as cenas vão aparecendo em suas confluências, em suas contradições (oposições, por vezes) e em suas recíprocas determinações. Não há aí nada de linear.

[Constato também que a intenção que tenho de linearidade cronológica não coincide com a cena de minha realização na escrita. Vou e volto no tempo, seguindo o encaideamento de minhas associações que insistem em sua rebeldia às cronologias. Volto, portanto, para onde eu deveria estar: na 1ª época.]

O Curso compunha-se, então, a cada ano, de uma aula teórica, um seminário teórico e duas supervisões. A primeira era frequentada pela

totalidade dos alunos do ano; as outras atividades o eram por grupos reduzidos. Em curto espaço de tempo, o quarto ano passa a ter só uma supervisão. Pensava-se, desde então, que este ano deveria ter uma inflexão própria em relação ao que o antecedia. Nesta época a inflexão era dada por este diferencial: *uma supervisão*. Veremos depois (2ª e 3ª épocas) como o diferencial será dado por opções entre diferentes temáticas de seminários. A inflexão visava marcar uma transição para o término do Curso, para ... para ...

A questão do "4º ano" revela a outra cena. Sim, o curso termina; a formação, não.

A questão "4º ano" revela a outra cena. Sim, o curso termina; a formação, não. Mas, inegável, "algo" termina. Há a necessidade de marcar a transição e ela é marcada curricularmente, é marcada pelo que se tinha / tem à disposição. E ... transição do que para que? No cotidiano de nossas falas - realidade dura quando nos lança à vista a outra cena - transição de aluno ... para ex-aluno.

Ruídos. Às cenas se entrecroçam. Não deveria ser, de acordo com a cena explícita que fundamenta a mudança do nome do Curso, transição de analista para analista, marcada com alguma modulação, pois não se transita para o mesmo? De analista debutante para analista mais avançado?

Hoje estas questões continuam, se bem que não são mais as mesmas, na medida em que o *locus* que as propõe é outro.

Hoje - e esta é minha inferência - temos como resultante de um longo e acidentado caminho, uma relocalização: passamos de professores de psicanálise para psicanalistas transmissores ou formadores (para mim, neste contexto, são termos que se equivalem - só há transmissão se há formação e vice-versa). É desde este *locus* atual que a questão deverá ser agora trabalhada.

[A disciplina me convoca. Voltando ao período primeiro.]

Leio, em um regimento do Curso, em um item que se refere às funções do corpo docente: "determinar a carga horária dos professores e sua distribuição nos quatro anos do Curso de acordo com as necessidades do mesmo e conforme os critérios aprovados pelo Conselho" (o Conselho era constituído por representação paritária de alunos e professores).

Parece que nada havia, *nesta formalização*, de possibilidades de escolhas próprias, de transmissão de pesquisa própria e verifico também o quanto o coletivo precisava ser reassegurado pela *organização* curricular. Esta surgia como a referência possível: tanto para a transição que o quarto ano representa para os alunos, como para a participação dos professores no conjunto.

No que concerne à composição do Curso, a aula teórica era, a cada semana, uma exposição na qual o professor tecia articulações complexas no interior de grandes temáticas. Para se ter uma pálida idéia da sequência de aulas num ano letivo, tomo o 2º ano (em, possivelmente, 1979):

1- O Complexo de Édipo (indo desde a evolução do conceito ... até a questão da inscrição do indivíduo na cultura e na integração na lei).

2- Teoria da angústia

a) a neurose de angústia

b) angústia e libido reprimida

c) sinal de angústia



ções marcam indelevelmente este projeto, que é o atual.

Os seminários são focados na clínica, ou seja, num pensar tal que só se encarna quando a clínica dos formadores e dos alunos está intrinsecamente presente. A proposta é a de que, nos temas abordados, a clínica constitua a matéria-prima do pensar (na medida em que é nela e por ela que a cada dia ocorre o psicanalítico).

Como se trata de uma qualidade buscada, mais do que de um conteúdo específico, não é fácil para mim explicitar esta centralidade da clínica com maior clareza. Peço, então, ajuda a um exemplo; no caso, peço justamente ajuda à feiticeira, à metapsicologia ...

No decorrer da 1ª época a Metapsicologia constava como um dos conteúdos na aula teórica do 3º ano. No decorrer da 2ª época, ela surgia no seminário teórico do 1º ano. Agora, onde a feiticeira se coloca? Vejamos. A cada ano há um eixo temático que comporta dois seminários - o do 1º ano é: Fundamentos metapsicológicos do tratamento psicanalítico; o do 2º ano é: O infantil na Clínica Psicanalítica (Fundamentos metapsicológicos II). A feiticeira dá as mãos para a clínica - caminham juntas. A metapsicologia - lugar das abstrações, lugar dos originários e da mitologia pulsional - está no fazer clínico cotidiano. Ela é quem o fundamenta; ela está no sonho, enquanto paradigma (um dos seminários do 1º ano) e está no "Complexo de Édipo como organizador da neurose infantil e da neurose de transferência" (um dos seminários do 2º ano). E quando a metapsicologia está na clínica, não há mais "técnica", e o teórico e o clínico já não se colocam mais como questão. Podemos verificar isto também nos seminários oferecidos para o 4º ano (em 1994): "Inscrição e temporalidade. Questões clínicas e metapsicológicas"; "Psicanálise de Criança - questões sobre a constituição do sujeito"; "As psicoses: teoria

e clínica"; "As formações clínicas - uma articulação entre Freud e as teorias da complexidade".

Até agora mencionei uma das modificações importantes. Falo agora da segunda que, a meu ver, ressignifica toda a programação: a inclusão da supervisão individual. Desde o ano passado os alunos do 4º ano ganharam a possibilidade de estar, uma vez por semana, com um supervisor por eles escolhido (entre os professores do Curso) expondo, deixando circular a sua própria clínica; os formadores ganharam a

A proposta da 3ª época é que a clínica constitua a matéria-prima do pensar.

possibilidade de estar mais próximos da clínica de cada jovem colega e de assim também expor a ele seu pensar clínico.

A supervisão individual substitui, apenas para o 4º ano, a supervisão em grupo. Os demais anos prosseguem tendo supervisão grupal. Esta continua como uma ocasião privilegiada de troca. Embora haja, potencialmente, muito o que discutir quanto a estas supervisões, não me dedico a isto agora (como não o fiz com as aulas expositivas). Apenas quero pontuar que nas modificações de programa que fizemos jamais sentimos necessidade de alterar a sua substância. Isto dá a medida do quanto temos estado convictos de sua importância.

A terceira modificação de peso nesta reprogramação: os professores responsáveis pela condução dos seminários de um determinado ano passam a se reunir periodicamente para estudar, discutir e trocar experiências.

As cenas se aproximam ... Trabalhamos entre nós e trabalhamos com nossos jovens colegas. Formamo-nos na formação.

Os encontros entre os professores pretendem também incluir os supervisores - queremos ver a prática clínica inserida nas nossas conversas. Mas, isto ainda não se viabilizou. Já surgem, em torno desta ausência, sinais de insatisfação que, espero, conduzam à efetivação da junção pretendida.

Diferentemente do que ocorria na 1ª época, os professores escolhem, dentro do amplo contexto dos temas que "associativamente" vão surgindo a partir da prática de ensino nos anos anteriores, aqueles que são de seu interesse pessoal para oferecer, como opções, para os alunos do 4º ano. É por isso que, quando há pouco especifiquei os temas de seminários de 4º ano, eu os datei, pois, neste ano, assim se constituiu o leque de alternativas. Quanto à escolha pelos professores dos seminários dos demais anos: ela dá-se dentro de determinadas regras acordadas no conjunto; procura-se poder privilegiar as escolhas próprias sem desatender às necessidades da organização geral. Este processo às vezes não é nada fácil, mas eu diria que temos sobrevivido às "trombadas" que, nestas ocasiões, surgem.

No documento que acompanha a nova programação, temos outras propostas, que ainda não se concretizaram, no que se refere ao trabalho conjunto dos professores.

Há também mais o que explorar nesta nova via aberta... Ainda não temos a dimensão dos efeitos que as mudanças estão produzindo.

Então, por enquanto, por aí seguimos...



## Algumas considerações finais

O texto já aponta para o que foi caminhado e que assim sintetizo: enquanto formadores, estamos nos formando, e este é um aval que temos da existência de uma transmissão psicanalítica. Se estamos em movimento de transformação, temos um indício de que há *processos de criação* e não *meras reproduções*.

O texto aponta também para algumas questões. Estas assim ficam, assim como outras que foram me ocorrendo na medida em que o convívio com os documentos se aproximava do final. Apresento-as:

O que nos levou a excluir, enquanto programação oficial, as discussões sobre a cultura, que estavam tão presentes na 1ª época, quando a "inserção do indivíduo na cultura" era um dos tópicos da abordagem do "Complexo de Édipo", quando "Cultura e Neurose" era um dos tópicos de abordagem da "gênese e mecanismo de produção das neuroses"?

O que nos levou a excluir a "Obra social de Freud - o individual e o coletivo em Freud" e "Psicanálise e Instituição" ou ainda "A prática psicanalítica na instituição pública"?

O que nos levou, se não a excluir, a não mais trazer para nossas indicações bibliográficas os aportes pós-freudianos da escola inglesa?

O que nos levou a não mais ter um intercâmbio constante na totalidade professores-alunos? Na 1ª época, tínhamos o Conselho paritário e tínhamos as "Jornadas" nas quais, durante todo um dia, periodicamente, dedicávamos-nos *todos* à discussão de algum tema. O que mudou de 1986 para 1993 em termos desta totalidade? A mudança curricular de 1986 foi exposta em Assembléia Geral; a de 1993 foi comunicada em cada seminário e supervisão, em cada espaço habitual do Curso.

Será que alguns destes abandonos têm a ver com a existência do Departamento? Em caso positivo,

não seriam abandonos, mas vicissitudes de um período de rearranjo?

Será que se corre o risco de enveredar por um caminho mais solipsista, ao mesmo tempo que menos comprometido com conflitos - conflitos entre teorizações, entre professores e alunos, entre práticas diferentes?

Como eu já disse, o relevante é que as questões fiquem, o que significa que sejam responsabilmente sustentadas. Tenho, em relação a isto, uma convicção: enquanto psicanalistas formadores, não pode-

O relevante é que as questões fiquem, o que significa que sejam responsabilmente sustentadas.

mos deixar de olhar para a própria trajetória e colher deste olhar tudo o que ele pode abarcar - o que foi sedimentado como conquistas e o que ficou para trás, *sem que se saiba bem por que*.

Com este olhar vejo o próprio texto que compus, com sua mal resolvida sobreposição aluno / jovem colega. É claro que se pode ser jovem colega e aluno, assim como se pode ser psicanalista e professor. Só que, neste caso, parece que há maior clareza - estamos reconhecidos na posição de professor enquanto psicanalistas a cada seminário, a cada supervisão. Os alunos têm nos acompanhado em nosso percurso - nestes anos todos não deixamos de ser procurados. Mas, e os alunos? Para eles, "aluno do Cur-

so" e "jovem colega psicanalista" não caminham juntos, necessariamente. Qual o reconhecimento que podem ter enquanto psicanalistas? Não é à-toa que começamos a pensar o quanto seria importante que a transição marcada pelo término do Curso não seja algo "dado" curricularmente, mas, antes, que seja uma, passagem ativa - a apresentação de um trabalho, por exemplo. Apenas idéias. Idéias a serem bem trabalhadas; elas só terão sentido se implicarem, de fato, em reconhecimento compartilhado e não ficarem reduzidas a um destino burocratizante.

De qualquer forma, o fato de sermos formadores implica também em propiciar os mecanismos de reconhecimento para os que junto a nós se formam. Na ausência destes mecanismos é o próprio processo de formação, como um todo, que fica em equilíbrio precário.

Não posso evitar terminar com um "achado". Em um dos documentos sem data, mas localizável, por seu conteúdo, na 1ª época precoce encontro, como um fragmento não contextualizado:

*"Avaliação: a avaliação se realizará através da apresentação de um TRABALHO DE FIM DE CURSO, que deverá ser entregue no final do semestre. Para tal efeito os alunos deverão eleger o tema e propor um projeto básico..."*

Eu juro que as maiúsculas na grafia de "trabalho de fim de Curso" são originais do texto...

As memórias, ativamente vivas, pedindo para que suas ressonâncias no presente se façam ouvir.

## NOTAS

1. Agradeço a Ana Maria Sigal o ter-me fornecido documentos que eu não possuía em meu arquivo pessoal. Cosntato também a presença de vários documentos sem data (a quem interessar possa... eis aqui material para reflexão).

2. É extremamente interessante que se possa ler estes programas, bem como os regulamentos. Espero que, em breve, eles estejam à disposição dos interessados em um arquivo de consulta (há colegas do Departamento se mobilizando para isto) e que, conseqüentemente, muitas outras leituras possam surgir.



## 1.

Laplanche define seu trajeto como um "... movimento que gosto de figurar por uma *espiral*: passar de maneira cíclica à vertical de certos pontos problemáticos, a cada volta tomando um pouco mais de distância em relação à precedente e desenhando mais nitidamente as opções e as diferenças. É no seio da experiência inaugurada por Freud, experiência indissolúvelmente clínica e teórica - eu diria: *filosófica* - que se situa meu pensamento; não para polir as arestas ou aperfeiçoar

da (1970-1984) - e que têm como desfecho o ensaio sobre os *Novos fundamentos da Psicanálise* (1987). Este último serve de base para a *sua* verdadeira *revolução* nesta espiral, com a coletânea *La révolution copernicienne inachevée* (1991), que abriga suas mais recentes elaborações, das quais falou em São Paulo.

Gostaria, agora, à guisa de plano para um futuro trabalho, situar o que me parece estar na origem desta espiral na qual Laplanche se movimenta. Trata-se, evidentemente, da teoria do *apoio*, que Pontalis e ele derivaram da obra de Freud nos

ta teoria o *encontro*, que desperta algo dormente no centro desta mônada, deste ponto ou terra, foi preciso um *fazer trabalhar* de vinte anos para descentrar estes conteúdos, estes *significantes enigmáticos* vindos desta vez de fora, do adulto (também dele ignorados, polarizados - nele sim, há inconsciente) e implantados na criança *também de passagem*, por ocasião destes cuidados, deste apoio...

Percebamos o eixo central que permanece constante na passagem dos dois "senhores", da pré e pós revolução: para Laplanche no início, ou na origem, temos um ser essencialmente biológico, desamparado e frágil, mas que tem a sorte de poder acenar para os adultos. O encontro, cuja função é socorrer - manter em vida este bebê - serve de suporte ou de pretexto para que ocorra na surdina, de passagem, algo tão essencial: nada menos do que um deslocamento ou desvio deste substrato biológico para criar um ser psíquico ou humano. Mas, enquanto o primeiro Laplanche desperta algo de dentro - a sexualidade que se submete ao trabalho de humanização no ambiente dos adultos - o segundo Laplanche fala de um adulto que introduz, que implanta o homem no bebê. Novamente, temos na origem um ser ou sistema biológico em apuros, que depende de socorro ou apoio. Sendo atendido, ocorre o processo - seja por perlaboração de algo de que o próprio bebê é fonte, ou por implantação por aquele que lhe dispensa cuidados - de formação do psiquismo, plano distinto do biológico. Na primeira versão, este é um desvio, fruto de uma brecha que se alarga em relação ao substrato ou estase biológico, enquanto na segunda versão, o impacto vem de fora e implanta-se neste terreno.

*Revolução???* Se existe todo este esforço para instaurar o humano sobre novos fundamentos que não sejam os da biologia, não é surpreendente que Laplanche empres-

O que está na origem da espiral de Laplanche é a teoria do apoio, que ele e Pontalis derivaram da obra de Freud nos anos 60.

os detalhes, mas para devolver-lhe a alma"<sup>2</sup>.

Na cabeça desta espiral, temos o estudo sobre o inconsciente redigido junto com Leclaire (1961) e, curvando-se nas novas voltas (*spires*), encontramos o estudo sobre as fantasias originárias (*Fantasia originária, Fantasias das origens, Origens da fantasia*, 1964), que marca o seu distanciamento e o de Pontalis da galáxia lacaniana. Eles preferiram procurar o próprio caminho de volta a Freud, oferecendo-nos o grande *textbook* da psicanálise: o *Vocabulário de Psicanálise* (1967). Mas os movimentos propriamente laplanchianos, que dão corpo a esta espiral, começam com *Vida e Morte em Psicanálise* (1970), seguidos pelas cinco *Problemáticas* - fruto do ensinamento, de mais de uma década

meados dos anos 60. Na origem, temos o ser/não-ser monádico que inspira cuidados, devido às suas insuficiências motoras, mas que sabe gritar para chamar o adulto (função apenas das suas necessidades de sobrevivência física?). É justamente através destes cuidados com fins autoconservacionais que, por acaso (*en passant*), tange-se esta superfície da mônada - arranha-se, por assim dizer, estes "*diabos*" que chamamos de *pulsões*, pousados no centro ou no fundo da mônada. É a sexualidade despertada pelo adulto, o seu percurso e destino neste ambiente, que vão humanizar este ser/não-ser. Bastava uma passagem de um pequeno parágrafo da primeira parte do *Projeto* (1895) para fundar esta teoria *na origem*. Se tínhamos na origem des-



te a metáfora deste fazer justamente ao campo mais antigo das ciências naturais, a astronomia, ou do cenário político onde ela se insere, quando da revolução copernicana? Se tomarmos um modelo polêmico na história política da filosofia, não estaria Laplanche com os conservadores de Atenas - que acusaram e julgaram o pai da filosofia ocidental por perverter as mentes puras e virgens dos jovens, corrompendo-as com idéias que os desviavam da boa cidadania - ao contrário do testemunho do próprio Sócrates, o qual se via como parteira dessas mentes ou como escultor que apenas traz à luz a forma preexistente na pedra? Quem é o conservador: aquele que pelo senso comum, vê no escultor alguém que molda na pedra uma forma preconcebida na mente, ou quem o vê como aquele que desvela algo já preexistente ali, na própria matéria? Atentemos à dicotomia: de fora ou de dentro, nada no meio ou intermediário. Não podendo prescindir da teoria do apoio, ela lhe serve para um fim bastante conservador, que nos vem pelo menos desde Platão: trata-se de deslocar o humano ou o psíquico, e instituí-lo sob novos fundamentos ou em outro plano. Freud não hesitou chamar esta longa tradição de conservadora [“*A humanidade sempre soube que tinha espírito: eu precisei demonstrar que ela também tinha instintos... sempre me ocupei do subsolo... nisto o senhor é conservador e eu revolucionário*”<sup>3</sup>]. Voltaremos a isto mais adiante. Para usar uma figuração apesar de tudo ptolomaica, eu diria que estes *Novos fundamentos...* encontram-se embrionados na primeira teoria do apoio, nesta mônada, este ponto de origem que projeta pontos invisíveis na vertical, criando o eixo ao longo da qual perpassa a espiral. Mas isto só podemos perceber *après coup*. À parte as bricadeiras, diremos que temos um Laplanche extremamente consistente e homogêneo.

Em que consiste o percurso da espiral, este “passar de forma cíclica..”? Aqui encontramos o grande Laplanche, sua força de atração, sua sedução. É neste *fazer trabalhar* que encontramos os tesouros, estes “belos artigos e objetos arquelógicos”. Como se faz esta arte? Se acompanharmos as *Problemáticas*, nos depararemos com um Laplanche que destrincha o texto, pescando as várias hipóteses, os vários modelos existentes nos textos freudianos, colocando-os em choque etc. De início, ele sempre nos mostra um Freud ousado, revolucioná-

Se mostrarmos antes a partir de que ponto é projetado o eixo da espiral, uma das mais belas e perfeitas (e tratando-se de um filósofo rigoroso, poderia ser de outro modo?), poderemos, então, desvelar estes andaimes ou estes traços invisíveis da planta sobre os quais o arquiteto monta a bela forma, a casa dos seus sonhos, aquela de Laplanche. Não é fácil per fazer este caminho de “volta”, mas não é impossível traçar - a partir de pontos paralelos das curvas sucessivas da espiral - algumas linhas retilíneas, pontes aéreas na vertical e na hori-

Lacan pode descansar em paz: o querido filho quase voltou à casa, após longos anos de *fourvoisement*.

rio; logo, aponta um Freud superficial, um Freud que recua, que sai do caminho, desvia-se (*se fourvoye*), perde a estrela que descobriu, um Freud que se perde de si e encontra-se novamente, embora de forma velada, no que resultou do recalque. Qual é o critério que orienta Laplanche neste percurso?<sup>4</sup> Como chegou a descobrir, afinal, este Aristarco de Samos que três séculos antes de J.C. era já o precursor de Copérnico, criando uma tradição fundada sob uma *verdadeira descoberta*, mas que logo foi assombrada por um *desvio (fourvoisement)* efetuado pela tradição ptolomaica? E tudo isto, não na astronomia mas, *no e dentro do caminho* que Freud percorre, e na história da psicanálise. Percurso tenso de Freud, constantemente oscilando entre momentos da *verdadeira descoberta* e momentos de *descaminho*.

zontal, e resgatar assim esta planta; esta nada mais é do que uma grade, ou melhor, uma peneira extremamente refinada e diferenciada, para separar o joio do trigo. Já expus acima de que matéria é feita esta malha fina, a qual busca eliminar tudo que é estrutural, tópico, dinâmico e econômico além do genético, originário e desenvolvimentista, expurgando tudo o que cheire à biologia - a verdadeira fonte de *metáforas e modelos* para a invenção do aparelho psíquico- para ficar com todo o resto: o humano, o outro, o encontro, etc. (Lacan pode descansar em paz, o querido filho está quase de volta à casa após uma longa temporada de *fourvoisement!*). Apesar de tudo, temos aqui uma malha, grade ou planta, a estrutura de um filósofo, por isso nem mais flexível ou aberta do que um programa genético.



Detivemos-nos neste ponto para mostrar que existe um certo modo, bem consistente, com o qual Laplanche trabalha ou faz trabalhar Freud. Para dar um pequeno exemplo, vejamos como se faz a distinção dos conceitos pulsão/instinto em Laplanche (Cf. *Vida e Morte*, 1970). Laplanche nos diz que o instinto difere da pulsão por pertencer ao modo da necessidade biológica que se faz segundo linhas pré-formadas do mundo natural (objeto fixo etc.). Esta é uma interpretação possível a partir de Freud; mas em nenhum

É interessante como tal mito opera nestas formulações que permeiam tanto os escritos de freudianos e lacanianos - esta dicotomia natural/humano que, nos lacanianos, traduz-se biológico/linguagem: o natural como fechado, préformado, em contraste com a nadificação da linguagem ou do desejo. Apesar desta "difamação", tanto Laplanche precisa deste biológico para promover o encontro, como os lacanianos precisam da articulação entre o *real* da pura excita-

modos possíveis de trabalhar Freud: um fazer trabalhar, decerto, fascinante e rico, que explora tesouros preciosos da obra de Freud. Basta pensar neste último desenvolvimento da teoria generalizada da sedução, com seu corolário importantíssimo, que é o trabalho centralizado em torno da carta 52/112: a teoria da tradução como a elaboração da temporalização psíquica, um novo aprofundamento, entre outros, do conceito de *après coup* que Lacan, e Laplanche depois, destacaram há muito tempo em Freud..

**E**m Laplanche, já existe a pré-concepção de dois mundos, segundo as dicotomias clássicas da filosofia - natural/humano, biologia/psique.

momento Freud formula assim a diferença. No primeiro momento, Freud caracteriza a pulsão com suas quatro vertentes (*Três ensaios...* 1905), e não fala dos instintos. A leitura de Laplanche seria a de Freud, se este último colocasse pulsão e instinto numa relação de oposição, de forma tal que o negativo de qualquer predicado da pulsão fosse o predicado correspondente do instinto. Este não é o caso, já que a diferença foi atribuída apenas ao *representante* presente na pulsão e ausente no instinto (Freud, *Dois princípios...* 1915). Em Laplanche, existe já a preconcepção de dois mundos segundo as dicotomias clássicas da filosofia - natural/humano, biologia/psique - leitura que comporta em germe toda esta planta da qual falamos acima.

ção pulsional com a linguagem, para por a cadeia significante em movimento, criar o desejo (Cf. Garcia-Roza, *O mal radical em Freud*). Não seria uma contradição falar sobre um componente de um mundo *preformado* - um ser *biológico* ao mesmo tempo *desamparado* ou com *falta* - que se chama *o Homem*? E mais, questionamos este grito que teria como fim necessidades biológicas; quem nos garante que, já neste grito, não há moções pulsionais, como também na disposição do atendimento por parte do adulto? A exigência "religiosa" desta teoria é que tudo que é humano advenha de fora, do outro. Não era minha intenção apresentar uma crítica detalhada do pensamento de Laplanche, mas mostrar que se trata de um dos

## 2.

O que me motivou a escrever estas linhas, em homenagem à vinda de Laplanche, é uma série de cenas vividas no âmbito de um curso de formação, e sua articulação com outra série de cenas, vivenciadas há mais de uma década, nos meus anos de colégio (esta experiência de articulação de dois cenários espaçados no tempo é, certamente, um dos componentes desta pérola da teoria da tradução que encontramos na nova coletânea de Laplanche). Tínhamos, neste colégio, um acompanhante *imprescindível* para cada matéria: nas aulas sobre o Antigo Testamento (que nos tomava uma carga horária considerável e uma grande importância naquele país), Rashi, Kasuto ou Kauffmann; para História um tal de Horowitz; para História da Arte, Gombrich. Durante alguns anos, as aulas de Bíblia tornaram-se para mim uma verdadeira tortura, e o professor, um verdadeiro estragaprazeres - já que eu era um amante sincero dos textos bíblicos. A timidez ou a fobia (e a preguiça também) impediam-me a consulta dos espessos volumes de Kauffmann e Rashi que se encontravam na biblioteca pública. Mas, mesmo quando superava (ou fui obrigado a superar) estas inibições, nem sempre



achava relevância nas interpretações de um certo Kauffmann, o qual tinha uma leitura árida e historiosófica da Bíblia. O que fazer se este grande Kauffmann era justamente aquele que meu torturador encontrava nas mais belas linhas do texto bíblico? Felizmente, existiam outros além de Kauffmann, embora nenhum que valesse o quanto valeu a leitura de Laplanche como acompanhante da leitura de Freud. Mas, acima de tudo, o próprio texto - tanto o bíblico como o de Freud - jamais pode ser substituído ou esgotado por um intérprete.

As cenas evocadas de longa data eram assim os sinos de alerta, nas várias situações dos seminários que compõem nosso programa de formação. Presenciei falas e posições nas quais há articulações implícitas de Laplanche, porém atribuídas a Freud: os instintos têm um objeto fixo; as pulsões vêm da mãe; etc.. Contaram-me que alguns professores diminuía a importância, nos seus programas de seminário, do texto de 1920 (o grande recuo de Freud, segundo Laplanche). Felizmente, a leitura de Freud é prazerosa e muito clara, mas não é difícil ficar desatento, por comodismo, à presença de um Lacan à la Bleichmar, ou à la Masota, etc. Já com Laplanche, não é sempre fácil efetuar esta *mise à l'écart* de Freud, e é por isto que me parece útil escrever estas linhas. E mais: é justamente este modo de trabalhar Freud, propondo identificações abusivas, que ele, Laplanche, não tolera. Seria bom lê-lo com muita atenção, para perceber que ele conscientemente, e a cada frase, coloca-se à distância de Freud, ao contrário de certas adesões cegas e fragmentárias às suas idéias. Neste contexto, gostaria de destacar dois méritos de Laplanche, facilmente detectáveis no seu fazer trabalhar Freud, e que dizem respeito ao modo de filiação e parentesco no seio da comunidade analítica; questões intimamente ligadas à formação e, portanto, à

nossa ligação com Laplanche.

Mais do que em outros grupos sociais e na organização de outras práticas, o movimento psicanalítico abrigou, no seio das suas associações, vínculos com um forte colorido ciumento, vínculos que, muitas vezes, lembram organizações tribais primitivas; e isto não só nos corpos oficialmente organizados. Tentar justificá-las, reduzindo-as apenas à natureza das mobilizações transferências implícitas na formação, comporta perigos que já prejudicaram o avanço de nossa disciplina.

mestre ou do rabino consiste em poder perguntar e problematizar. Na história dela o fio das gerações é marcante: cadeias de mestres dão vez a alunos que, por sua vez, transformaram-se em mestres para novos alunos: a ligação "aluno de" distingue e marca a diferença, bem como a continuação entre pais e filhos. É graças a Lacan que a geração atual de analistas franceses inclui figuras tão distintas, sendo Laplanche uma delas.

É interessante e triste que uma certa relação com este mestre, tal-

Com Laplanche, nem sempre é fácil efetuar o distanciamento entre ele e Freud, ao contrário do que ocorre com outros comentadores.

Desde Lacan assistimos à continuação de duas modalidades ou formas de filiação que, paradoxalmente, estão ligados ao seu nome e à sua escola. A primeira tem história e tradição antigas, suas raízes ancoradas no Mediterrâneo, na tradição talmudista. Lacan é certamente o responsável pela instauração deste espírito de trabalho no campo psicanalítico: a proximidade ao texto, a exegese da leitura, o gosto especial pela problematização do sentido, o gosto e o prazer pela "querela" filosófica, isto é, a procura das questões. Aberta aos ventos do mar, ela vem abrigando idéias vizinhas e posições decerto distintas e contraditórias. Mas nela podemos traçar as filiações particulares, as diferenças entre mestre e aluno, pais e filhos. No seio desta tradição, basicamente oral, a função ou o ensinamento do

vez estimulada por ele, tenha dado origem a uma segunda tradição-traição, a um certo lacanismo que contradiz o próprio termo de "filiação". A este modo de parentesco chamarei de "guruísmo". O guru ganha adesões, embora se saiba pouquíssimo sobre ele; ele é tudo, e portanto é nada. Seus fiéis transmitem algumas frases-chave; basicamente, ele é grande e fonte de luz. Não tem filhos, apenas serviçais que nos compelem a aderir à fonte da *Verdade* - esta imagem completa, que não necessita de herdeiros ou verdadeiros continuadores marcados pela diferença.

Se é verdade que as duas tradições foram herdadas e transportadas para nossas formas de filiação, a segunda encontrou um terreno mais fértil em nosso meio, seja por circunstâncias históricas e culturais



que nos submetem passivamente às fontes da luz de origem européia, seja por outras razões. O fato é incontestável, não só no nosso meio mas nos próprios jerusaléns da psicanálise. Fabio Herrmann observou e criticou este fenômeno, utilizando-se da descrição das estátuas, cópias exatas uma da outra encontradas amontoadas, em vários estágios de formação, na ilha de Páscoa<sup>5</sup>. Discordo entretanto dele, quando alerta para a assustadora repetição de kleinianos, lacanianos e bionianos, mas inocenta os chamados freudianos, diferenciando a "simples imitação da forma estilística" dos primeiros e a "reprodução do ato criativo" dos últimos (p.132). A adesão guruísta tem as mesmas feições, independentemente do nome do guru - é irônico que entre herrmannianos, os adeptos de uma figura criativa, crítica e sensível ao fazer analítico, existam reproduções que nada de *maná* têm. O laplanchismo, batizado de freudismo, pode vir a ter o mesmo destino entre nós. Vale enfatizar que tal adesão é nefasta ao espírito intelectual de Laplanche e ao seu modo de trabalhar o texto de Freud.

Antes de finalizar estas linhas dedicadas a Laplanche, gostaria de mencionar mais um ponto relacionado à maneira com que ele problematiza o texto freudiano. São inerentes à filiação rabínica o conhecimento da opinião do outro, a abertura ao diálogo, o questionamento dos detalhes, o debate, a derivação crítica das conseqüências do seu discurso, e o enriquecimento da argumentação próprio da articulação entre posições opostas ou semelhantes que têm como referência o texto de origem. De outro lado, na segunda tradição, a imagem do guru, cujos contornos são sempre ameaçados de ruptura, o outro é odiado. E como tão pouco se conhece do próprio guru, ignora-se o que o outro tem; enquanto o guru é grande, o outro é (na imagem inversa) pequeno, achatado, desva-

lido - a negação de tudo que é bom no idealizado guru. Os outros são catalogados segundo feições uniformes, própria da imagem narcísica de si (pouco importa se os trabalhos da escola da *psicologia do ego* tenham sido só folheados ou jamais consultados, é preciso afirmar que a psicanálise americana é a própria negação da descoberta freudiana, que Melanie Klein é a encarnação de um biologismo nefasto, que Winnicot não é Psicanálise).

O grande mérito de Laplanche é esta leitura minuciosa de vários



autores, de várias escolas (inclusive a americana do começo do século e a contemporânea), e de muitas áreas ao longo de várias gerações: quantos já leram, e com atenção, *O trauma do nascimento* de Rank, após a crítica de Freud em 1926, e ainda dedicaram-lhe mais de quarenta paginas de discussão? (C.f. *Problemáticas* 3). A intercalação de um diálogo constante no seu trabalho coloca principalmente em destaque a viva conversa com seus colegas franceses - é raro não encontrar uma discussão de uma obra relevante do seu meio cultural. À

exceção de poucos - é rara no nosso meio a citação- sequer é feita a discussão minuciosa de um colega contemporâneo. A conversa é geralmente com autores europeus. Ficamos admirados, para dar um exemplo, pela ausência de qualquer discussão séria, entre nós, das contribuições de Isaías Melsohn, Juran-dir Freire Costa e Fabio Herrmann (e outros) para nossa disciplina. Não há sequer uma resposta à crítica herrmanniana do inconsciente freudiano, mesmo passados mais de quinze anos desde o aparecimento dos *Andaimos do Real*.

## NOTAS

1. Este artigo foi escrito em forma de nota, pouco antes do evento "Jean Laplanche em São Paulo", organizado pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Concluí o Curso de Psicanálise nesta instituição em dezembro de 1993.
2. Da introdução à coletânea *La révolution copernicienne inachevée*, Aubier, 1991.
3. Carta a Binswanger 1927.
4. Este percurso crítico de Laplanche, que introduz e recupera a teoria da sedução em Freud, encontra-se no artigo introdutório da sua última coletânea. Uma tradução em português deste artigo foi preparada por M.S Deweik e M.L.C Costa para o evento em São Paulo. Vale frisar que Laplanche tem aqui como centro de referência o artigo de Freud (1917) "Uma dificuldade no caminho da psicanálise". É bom lembrar que Freud se refere a uma ferida narcísica ou humilhação, quando fala de Copépico ou de Darwir. Laplanche emprega o termo *revolução* tanto no sentido político de ruptura como no sentido de "revolução das estrelas... em torno de" em Copépico, como conceito heurístico para a sua teoria generalizada da sedução.
5. "O porquê e o tempo na terra de Hotu Matu'a", in *O divã a passeio*, Brasiliense, 1992.